

Um aspecto da Lisboa quinhennsia (Hospital de Todos os Sanios)

COPILACAM DE

TODALAS OBRAS DE GIL VICENTE, A Q VALSE
REPARTE EM CINCO LIVROS D PRIMEYRO HE DE TODAS
fuas coulas de deuscam O legimdo as coinedias O rerceyro as
tragicomodias. No quarto as Eurlas. No quimo as
obras mendas,



TEmpremioleem a muy nobre & lempre leal cidade de Lixbon em calade Ioam Aluarez impressor del R, ey nosto sentior.

Anno de M. D. LXII.

Troy villo polos de purados da tancia Inquitigani.

COM PRIVILEGIO REAL

Wen bemle seruzid sem papel im caude Fine siko fernandezna ma nova.



Sobre o espectáculo

Fazer duas peças de Gil Vicente.

À partida, a forma "serão" seria óbvia.

À medida que o trabalho foi decorrendo, outras coisas se foram impondo, motivadas por determinadas analogias e diferenças, que o facto de ensaiarmos simultaneamente as peças, fez surgir.

A leitura a proporcionar do espectáculo, não seria então, a de não dar destino nenhum às relações encontradas, realizando as peças em separado, uma seguindo-se à outra. Deste modo, tanto a solução cenográfica, como a opção relativa à componente musical, surgem com a ideia de dar uma outra unidade e uma outra coerência ao espectáculo: a partir daqui a nossa intenção passou a ser a de que, as duas pecas, viessem também a ser lidas no que têm de comum, acentuando-se desse modo o que têm de distante. A primeira des-🗫 erta a levar-nos à conclusão aπterioπ, é a seguinte: aos dois textos correspondem dois teatros. Um mais ingénuo e primitivo (Farsa dos Físicos), outro, mais elaborado e complexo (Auto da Índia). Um Vicente influenciado pela tradição medieva, no primeiro caso, usando-a na plena consciência do seu tipo de receitas; os tipos da Farsa dos Físicos, são ingenuamente talhados, sendo que alguns são pessoas reais (uma clara vertente de crítica directa neste teatro), certamente assistindo à farsa entre o público cortesão; Um outro Vicente, a abrir portas ao teatro moderno, dando complexidade humana (realista), aos personagens que criou: A Ama,

Constança, a Moça, Juan de Zamora o Castelhano, Lemos e o Marido. É um teatro de personagens. Donde que, as duas peças num mesmo espectáculo, são a demonstração inequívoca, de uma evolução ou diferença do teatro de Vicente, internamente. Ao pensarmos nas escolas, este dado confere ao espectáculo uma clara virtude pedagógica.

Uma segunda descoberta, é a de que o personagem "Castelhano", estabelece a ponte entre os dois teatros: um "tipo" que sobrevive em pleno no meio dos personagens, mas de quem estes se rlem já, como se "a forma", os impedisse de ter uma relação entre iguais e a dimensão humana dos personagens, levasse estes, a olhar o "Castelhano" como ele é essencialmente: ficção, teatro. Deste modo, a Ama, com o sentido do real de um personagem humano, quase que encena o passo a passo do Castelhano, que tem de ser igual a si mesmo no seu excesso, já irreal.

Uma terceira descoberta, ou antes uma constatação, é que as duas peças tratam do tema amores. "Morte de Amor" na "Farsa dos Físicos", tema de grande relevo na poesia dos cancioneiros, "Os Amores da Ama", no "Auto da Índia" tema de grande relevo no quotidiano quinhentista de Lisboa, ao que parece.

E bem desgraçadas são as duas estórias, a do coma de amor do clérigo, como a do marido enganado. Dasgraçados, lisboetas e fadistas e portuguesas, principalmente no final feliz, mais ou menos sórdido, mais ou menos real, mais ou menos ficcionado.

Farsa dos Físicos

Tentou-se acentuar o carácter burlesco da peça e clarificar nalguns passos, através da linguagem universal dos gestos, um hoje mais que hermético arcaísmo vocabular. Apesar da distância no tempo, um certo Jogo lúdico e a própria trama da peça encontrarão certamente resposta víva no público. De facto os "Físicos", são o teatro no que este tem da mais imediato, espontâneo, de mais à mão, próximo como o Carnaval, esse teatro de todos, e isto apesar da qualidade elaborada do verso de Vicente. Carnaval a que, os disparates dos médicos aludem no seu frenesim incontinente verbal e na sucessão inconsequente das soluções propostas para o mai do clérigo. Quase morría o pobre das curas.



Auto da Índia

Aposta outra esta: a partir de um elemento aparentemente secundário (a ausência de falas da Moça quando tudo aponta para a sua presença em cena), fornecer uma nova dimensão (esta a nossa intenção), às leituras até hoje feitas no palco.

Não reduzir a Moça à opinião da massa, a um contraponto crítico vulgar dos comportamentos da Ama: encontrar-ihe no dito e no não dito a sua expressão própria, além da relação dependente com a "patroa". Isso levou-nos a colocar a questão do seu relacionamento com os personagens masculinos, e de que modo estes alteram a relação entre as duas mulheres.

Peça portanto sobre os comportamentos destas últimas, vivendo uma nova líberdade (ausência da "autoridade mascullna" na casa) e sobre o modo como a usam.

Peça a que no fim, o relato dos "feitos" do marido regressado da tão buscada fortuna, confere um eco que poderemos dizer universal.

Fernando Mora Ramos





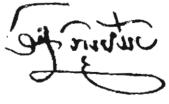
VICENTES

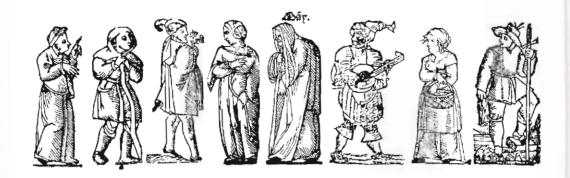
Para trás está já um conjunto significativo de peças realizadas de Vicente, sendo deste modo claro, tanto o nosso afecto pelo "maior clássico" português, como o desejo de, através de uma escolha de algum modo sistemática e criteriosa de peças do teatro de Vicente (menos preso ao seu próprio tempo, por arcaísmos hoje dificilmente decifráveis numa simples audição) se revelar, é o termo exacto, um autor que apesar de frequentemente nomeado não é por isso que se transformou, de facto, em património real do povo e cultura nacionais.

Foram peças que pude assistir, nelas participar ou realizar como projecto próprio: "O Velho da Horta", "O Auto da Índia", "Tantas Maneiras de Enganos", "O Auto de S. Martinho", "Quem tem Farelos?", "A Farsa de Inês Pereira", etc... Não quero, no entanto, deixar de aqui nomear a encenação de o "Auto da Índia" feita por Mário Barradas para o Centro Cultural de Évora e à qual, o trabalho que fizêmos (em relação a este Auto) muito deve, naquilo que são identificações como no que são dissemelhanças.

Fernando Mora Ramos







Sobre a época

A facilidade de costumes era grande. Não se timbrava muito em Portugal em guardar escrupulosamente as leis da castidade. A mocidade levava vida solta, sem forte disciplina moral. "Diga-se de passagem, Vénus, em toda a Espanha, tem culto público, não menos que outrora em Tebas, e mormente em Portugal então, onde creio que seria coisa extraordinária ver um mancebo contrair uma ligação legítima." (...)

A Índia não actuou beneficamente nos nossos costumes. Lisboa especialmente, tornando-se pelo monopólio do comércio oriental uma rica cidade cosmopolita (se assim se pode falar referindo-se ao século XVI), não fez excepção à grande lei, segundo a qual as ricas cidades de "muitas e desvairadas gentes" não costumam primar pela austeridade de costumes.

Ainda há que deduzir no que toca a Portugal, que os estrangeiros se não comportavam melhor, antes davam aos portugueses o exemplo da vida desregrada. (...)

Os tesouros do Oriente, em vez de enriquecerem o país, empobreceram-no.

Portugal consumia, não criava. "O ouro das Índias não vinha para Portugal, vinha a Pór-

tugal, para rolar acto contínuo, para Flandres". O país não lucrava com ele; ia beneficiar o trabalho estrangeiro. De fora vinha-nos tudo, per una somma maraviglosa: Portugal caía numa estagnação de morte. Os flamengos podiam chamar a Portugal, a sua india deles, com tanta razão como chamavam aos espanhóis os seus índios, "porque os índios não traziam aos espanhóis tanto ouro, dizia Sandoval, quanto estes levavam aos flamengos." (...)



O Paço Velho no Castelo de S. Jorge

Como os rendimentos minguassem, buscava-se no trablho com que cobrir o deficit, que abria uma estéril vida opulenta? — "Somos hidalgos como el-rey... dinero menos!". Trabalhar seria vergonha. Conseguia-se del-rei uma nomeação para a Índia, e ia-se lá buscar dinheiro, pois que honra havia já que farte. Mas como, se não podíamos desenvolver as colónias por um esforço regular, visto que desprezávamos o trabalho? — As colónias eram para nós, tanta vez, campo de rapina.

mos ao rio de Meca, relejámos e roubámos E multo risco passámos Mas a Índia tinha riscos, era pior que as covas de Salamanca. Metiam-se então nos conventos os filhos segundos e as filhas. Se a moralidade corria riscos, se se malbaratavam assim as forças vivas do país já depauperado, a honra das famílias ficava salva: não se desmoronavam as casas estabelecendo dotes, nem finas mãos patrícias se poluíriam no trabalho. (...)

Portugal ao tempo dos descobrimentos, e em consequência também deles, não primava muito pela austeridade de costumes.

(Manuel Gonçalves Cerejeira, Clenardo e a Sociedade do seu Tempo, Coimbra Editora, 3.º edição, 1949.)



O Paço da Ribeira numa iluminura do lívro de horas dito de D. Manuel

A "história" no AUTO DA ÍNDIA

O CONCELOS ME FAZ ISTO (v. 19)

No Auto da Índia a protagonista, mulher de um homem que embarca para a india na armada de Tristão da Cunha queixa-se por um sujeito desse nome impedir a saída da frota. Provavelmente nome familiar, abreviado de Jorge Vasconcelos (ou Vasconcelos) fidalgo que, de 1501 até falecer, em 1525, foi armador e provedor dos armazéns e armadas da cidade de Lisboa.

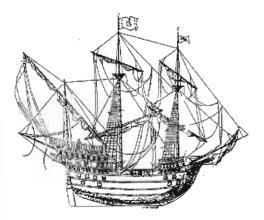
Nas Cortes de Júpiter esse mesmo — já velhote — aparece alfenando os cabelos (grisa-lhos?) no Cortejo da Infanta D. Beatriz. Como versificador, relacionado e aparentado com outros cortesãos trovadores (...), ele figura no Cancioneiro Geral, ora com o nome por extenso, ora com o nome obreviado.

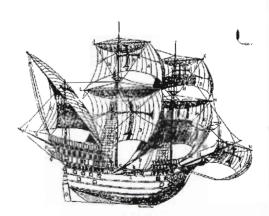
(Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Notas Vicentinas, IV, Edições Ocidente, Lisboa, 1949, pp. 394-395.)

E LOGO PARTIU A ARMADA/DOMINGO DE MADRUGADA (vv. 361-362)

Finalmente o melhor que em tempo de tanto trabalho se pode fazer, Tristão da Cunha partiu do porto de Lisboa um domingo de Ramos sais dias de Março (sic) do ano quinhentos e seis, com catorze velas (...).

(João de Barros, Décadas da Ásía II, Livro 1.º, Cap. I, fl. 1 v.)

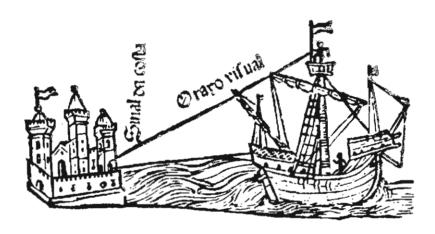




A GARÇA EM QUE ELE IA; A NOSSA GARÇA VOAVA (vv. 388 e 462)

Como quer que a el rei de Portugal lhe parecesse que o principal ponto em que consistia o assento da Índia era em lançar fora dela aos mouros do mar roxo, porque eles faziam alvoroçar os reis de Malabar determinou de buscar maneira com que lhe tolhesse a navegação que faziam para a Índia assi do mar roxo como do estreito da Pérsia; (...) e para fazer esta fortaleza escolheu a Tristão da Cunha fidalgo de sua casa a quem fez capitão-mor da frota que havia de mandar à Índia no ano de mil e quinhentos e seis (...). Das naus foram por capitães afora ele que ia na nau Santiago, Álvaro Teles na Garça, (...).

(Fernão Lopes de Castanheda, Histórica do Livro Segundo do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses, cap. XXXI, Lisboa, 1552.)



PELEJÁMOS E ROUBÁMOS (v. 465)

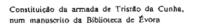
E quando veio a atravessar aquele grande golfão (...) meteu-se em tanta altura da parte do sul por lhe ficar dobrado, que começaram alguns homens pobres de roupa de lhe morrer (...). E como nelas sempre se acham temporais, deu-lhe um que apartou as naus correndo cada uma seu trabalho té que em Moçambique se tornaram a ajuntar: somente Álvaro Teles (...) vazou por fora da ilha de S. Lourenço e foi dar na de Samatra cuidando ser o cabo de Guardafu, e dí se tornou a ele onde andou às presas esperando por Tristão da Cunha. Ao qual tempo tomou seis naus, e era tanta a fazenda delas que de não puderem com o batel trazer las naus que tomavam quanto queriam, lançaram fardos ao mar delas, (...)

(João de Barros, ob. cit. fl. 2.)

LÁ VOS DIGO QUE HÁ FADIGAS; E PERIGOS DESCOMPASSADOS (vv. 493 e 495)
(...) Da terra vos sei dizer que é mãe de vilãos ruíns e madrasta de homens honrados...

(Luís de Camões, Carta da Índia a um amigo.)

fristan Dacunha. L'afonce delbuquer if bellas





TRISTÃO DA CUNHA

SE NÃO FORA O CAPITÃO / EU TROUXERA A MEU QUINHÃO (vv. 499-500)

Na esquadra de Tristão da Cunha, em 1506, de dez velas, as mais das embarcações eram de negoclantes, fretadas pela coroa, e uma, a nau Santo António, propriedade do capitão-mor.

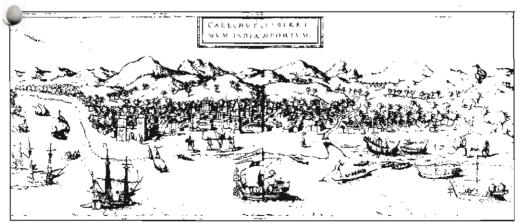
(J. Lúcio de Azevedo, Épocas de Portugal Económico — "O clclo da pimenta", Liv. Clássica Editora, Lisboa, 1978 (2.ª edição), p. 95.)

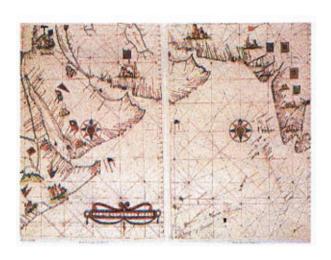
Em 1508, na volta de Tristão da Cunha, todas as embarcações trouxeram seu carregamento completo (...) Folgava o rei que encomendou uma solene procissão ao arcebispo de Braga, em acção de graças; folgava o capitão-mor, folgavam as tripulações e negociantes interessados. Tristão da Cunha contava orgulhoso que el-rei lha havia feito mercê da viagem para ele, capitão-mor, aproveitar.

(J. Lúcio de Azevedo, ob. cit., pp. 108-109.)



Armada de Vasco da Gama







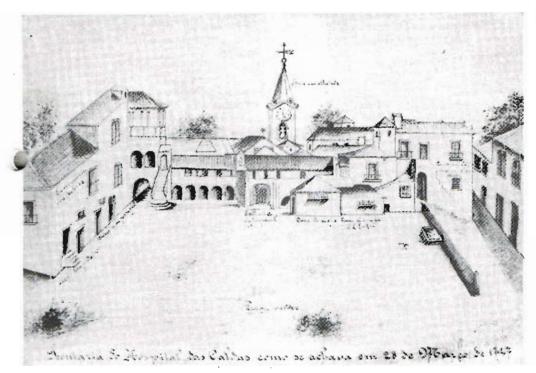
A Ribeira das Naus (gravura séc. XVI)



"Os Físicos"

Segundo uma tese não comprovada, Gil Vicente teria escrito o "Auto dos Físicos", a partir da observação destes no Hospital de Caldas da Rainha. Verdade ou não, esse facto não altera a realidade teatral inerente ao texto.

Mas valerá a pena todavia acrescentar dois ou três pontos que porventura alargarão o entendimento sobre o contexto em que a peça ocorre.



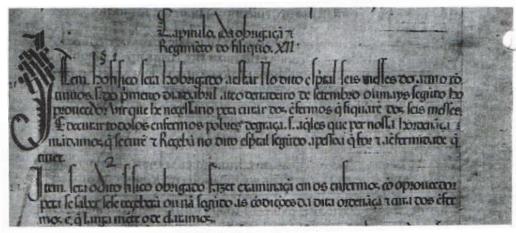
Criação esclarecida dum poder régio centralizador, e à sombra da égide da Rainha, o Hospital Termal seria um marco da administração real em pleno território da Ordem de Cister e experiência embrionária para o futuro Hospital de Todos-os-Santos em Lisboa, que retiraria habilmente a assistência hospitalar às ordens religiosas.

Pela primeira vez, um regulamento moderno e dos mais avançados da Europa, propunha a existência dum modelo exemplar bem patente no "compromisso" do Hospital dado pela sua fundadora, Rainha D. Leonor em 18 de Março de 1512.

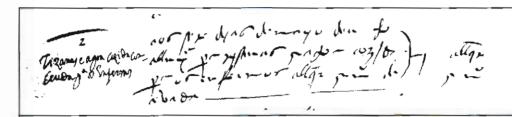
Vejam-se por exemplo alguns "items" desse Compromisso:

- "... Queremos e mandamos que haja no dito Hospital um *Fisico* e *Cirurgião* que cure os enfermos segundo em seu Regimento mandamos; ...
- ... Queremos e mandamos que haja no dito Hospital um *Botiçário*, o qual será homem que saiba mui bem seu ofício e a prática dele, por ser coisa perigosa se pelo contrário for:

- ... Queremos e mandamos que haja no dito Hospital um Hospitaleiro e uma Hospitaleira ...
- ... Queremos e mandamos que haja no dito Hospital três *Enfermeiros* ...
- ... Queremos e mandamos que haja no dito Hospital um Barbeiro e Sangrador ...
- \dots Queremos e mandamos que haja no dito Hospital uma *Cristaleira* \dots
- ... Queremos e mandamos que haja aí sempre no dito hospital cem camas de roupa, das quais as sessenta servirão nos dormitórios dos homens e mulheres enfermos, segundo for necessário. E terá cada uma um enxergão de palha e um almadraque de três cheio de lā, e um colchão de linho avincado, isso mesmo cheio de lã. E um cabeçal de trócheio de pena e uma almofada, tudo enfromado, e meia dúzia de lençóis de linho avificado e um feltro que cubra esta roupa e do cobertores um de chapístol branco ou de pano semelhante e outro de q'cheira ou ilhandra.



Compromisso do Hospital Termal dado pela Rainha D. Leonor



- ... O físico será obrigado a estar no dito hospital seis meses por ano, contínuos, ...
- ... Será o dito físico obrigado a visitar os pobres enfermos duas vezes no dia, seja pela manhã cedo e a véspera e mals quantas vezes for necessário, assim em geral como em particular.
- ... Será obrigado o dito físico dar em cada visitação regimento a cada enfermo do que houver de comer e beber. E lhes receitará as mezinhas para sua cura, assinadas por ele e pelo provedor. ...
- ... Será o dito físico obrigado de sempre prover a ementa das receitas e mezinhas para se saber se se deram ou gastaram todas, porque às vezes se manda fazer uma mezinha e o enfermo a não toma, assim por squecimento ou negligência dos oficiais como por o enfermo não poder.

- ... O boticário será obrigado a ter sua botica muito bem abastada de todas as mezinhas que forem necessárias para os enfermos do dito hospital, as quais dará aos enfermeiros por receitas assinadas pelo físico e pelo provedor ...
- ... Será o dito boticário obrigado a ir a todas as visitações dos enfermos, seja duas vezes no dia, com o físico, para se melhor informar nos remédios e mezinhas que houver de fazer. ..."

No "Auto dos Físicos", GII Vicente partia deste novo e diferente método clínico, para satirizar agudamente físicos bem conhecidos dos 60 que então havia em Lisboa, entre os quais surgem os próprios médicos de El-Rei D. Manuel.

speciarios par la producta de la porto dela porto dela porto de la porto de la porto dela porto de la porto dela porto de la p

drogas he coulas medicinais da India, e

drogas he coulas medicinais da India, e assi dalguas frutas achadas nella onde se tratam alguas cousas tocantes amedicina, pratica, e outras cousas boas, pera saber copostos pello Doutor garcia dorta: sisseo del Rey nosso sensor, vistos pello muyto

Reuerendo fenhor, ho liçençiado Alexos diaz: falcam defenbargador da cafa da fupricaçã inquisidor nestas partes.

Com primirgio do Conde viso Reg.

Impresso em Goa, por soannes de endem as x. dias de Abril de 1563, annos





A Música...

A concepção da música deste novo espectáculo do Teatro da Rainha, que engloba o "Auto dos Físicos" e o "Auto da Índia", teve, fundamentalmente, três desígnios a responder: a criação de um clima urbano que funciona um pouco como cenário sonoro; o final do "Auto dos Físicos" que consta de uma ensalada "pelo (próprio) Gil Vicente guizada" e, finalmente, a canção de encerramento do "Auto da Índia". É um trabalho singelo feito com o mesmo entusiasmo, respeito e empe-

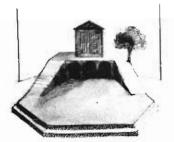
nhamento que trabalhos anteriores para o TR, que culmina um período dos mais enríquecedores, da vida deste compositor.

Um agradecimento especial ao Pedro Caldeira Cabral pelo virtuosismo que emprestou a este projecto.

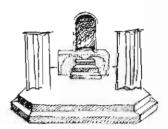
Está fechado um ciclo mas também eu, como Gil Vicente, diria: aqui têm, meus senhores, esta ensalada. Mas "outra de más flores para Páscua tiem sembrada".

Carlos A. Augusto









Um Vicente, referência marcante no nosso trabalho e com quem decerto nos voltaremos ainda a cruzar.

Um dispositivo para dois textos (desafio impossível?), que valorizasse aquilo que lhes é comum, mas que simultaneamente lhes acentuasse as diferenças próprias; e se para a primeira questão o conceito de estrado e os sinais dos "aparatos cénicos" da época surgiam como solução possível, já o restante exigia busca mais aturada.

Donde que, para os "físicos" fortemente tipados e carnavalizados, material teatral por excelência (Molière que o diga), a solução surgiu do reunir múltiplos referenciais populares: as ladaínhas e os esconjuros, a religiosidade Ingénua das romarias e dos seus rituais, os benquistos santos namoradeiros de bilhas, fugas e amores, algum absurdo bem característico, (patente nos adereços, p.ex.) a festa — o altar de Santo António e o seu sedutor enraizamento tradicional a impôr-se como enquadramento.

Nas andanças da "Índia", era pretensace ganhar um máximo de eficácia com um mínimo de manobra. O altar transforma-se então em casa de Lisboa de vielas, escadinhas, terreiros e porto, de um nível outro de realidade que os figurinos (com excepção do Castelhano) também perseguem.

Aposta ganha? O público dirá.

José Carlos Farla











O Teatro da Rainha

Direcção

Fernando Mora Ramos José Carlos Faria Víctor Santos

Elenco

Ana Madureira António Plácido Fernando Mora Ramos

Gil Filipe

José Carlos Faría

Maria Mota Víctor Santos

Direcção Artística

Fernando Mora Ramos / José Carlos Faria

Responsável Musical

Carlos Alberto Augusto

Cenógrafo

José Carlos Faria

Criação Gráfica

Edgar Marcelo

Luminotecnia

António Plácido

Fotografias

Joaquim António Silva

Colaboradores

Teresa Gonçalves, António Galhano,

Carlos Galiza, José Correía,

Natália Ferreira



Espectáculos realizados até à data:

10/03/85 — «FALATÓRIO DE RUZANTE, desertor da guerra» — Ângelo Beolco

14/05/85 — «AUTO DE S. MARTINHO» / «FARSA DO HORTELÃO» Gil Vicente, Henrique da Mota

28/06/85 - «TANTAS MANEIRAS DE ENGANOS» - Gil Vicente

20/09/85 - «A HORA DO LOBO» - Christoph Hein

12/12/85 - «O FIM DO PRINCÍPIO» - Sean O'Casey

28/02/86 - «O HERDEIRO DE ALDEIA» - Marivaux

15/08/86 - "QUEM TEM FARELOS?" - Gil Vicente

28/11/86 — «FILOCTETES» — Heiner Müller

24/07/87 — «OS RÚSTICOS» — Carlo Goldoni

07/12/87 — «KRAPP — A ÚLTIMA GRAVAÇÃO» — Samuel Beckett

16/03/88 — «O MENINO-REI» — Jean-Pierre Sarrazac

4 nomeações para os prémios Garrett da SEC (1986/1987) Prémio especial da Crítica em 1986 pelo "conjunto da obra produzida".

Ficha técnica

"AUTO DOS FÍSICOS" de GIL VICENTE

Interpretação

CLÉRIGO MOÇO BRÁSIA DIAS MESTRE FILIPE

MESTRE FERNANDO MESTRE HENRIQUE FÍSICO TORRES

PADRE CONFESSOR

Victor Santos Gil Filipe Ana Madureira

José Carlos Faria

Fernando Mora Ramos

"AUTO DA ÍNDIA" de GIL VICENTE

Interpretação

AMA MOÇA CASTELHANO **LEMOS** MARIDO

Ana Madureira Maria Mota Victor Santos Gil Filipe José Carlos Faria

Encenação Música Guitarra Portuguesa Cenografia Máscaras Coreografia Construção

Fernando Mora Ramos Carlos Alberto Augusto Pedro Caldeira Cabral José Carlos Faria Rogério Guimarães José Correia Mestre António Galhano

Luminotecnia

António Plácido

Guarda Roupa

Ana Cláudia Marcelino Ana Fernandes Clara Mata Maria José Jacinto Natália Ferreira

Fotografias

Joaquim António Silva

No "Auto dos Físicos", a versão portuguesa da "ensalada" final é de Paulo Quintela.

O Teatro da Rainha agradece a colaboração de:

Centro Cultural de Évora António Teles Carlos Mota Rui Pedro Rebelo





D 0 S

CALDAS DA RAINHA

BOMBARRAL